DOI 10.5216/ o.v20i01.65725

APRESENTAÇÃO

O novo número da revista Opsis vem à público em meio à maior emergência de saúde pública desde a epidemia de H1N1 em 1918, numa crise sanitária que eclode em meio à mais profunda crise do capital. A intensificação da exploração em curso desde a crise de 2008, encontrou nova oportunidade para a acumulação e centralização de capital em níveis jamais antes experimentados, chegando ao anúncio da fortuna de uma única pessoa de 200 bilhões de dólares (Mészáros, 2011). Este processo tende a eliminar as camadas médias e submeter as classes trabalhadoras a níveis crescentemente degradantes de existência, fazendo desaparecer os parcos direitos sociais nos locais do mundo em que eles foram conquistados e, em muitos outros, como na África e América Latina, condenando populações inteiras a desaparecimento físico ou cultural, mostrando a reversibilidade da conquista de direitos e a ilusão de seu acúmulo constante (Arantes, 2014).

O cenário da Europa Ocidental e da América do Norte no final da primeira década do século XXI já apresentava o aumento da desigualdade, resultado da aplicação de políticas de austeridade que desmontaram os estados de bem-estar social, erigido após a Segunda Guerra Mundial e a pressão migratória de africanos na Europa e de populações da América Central para os Estados Unidos, alimentavam o xenofobismo das extremas direitas em parte do hemisfério norte.

A crise do capital - que já havia se acentuado no final da primeira década do século XXI, acompanhada de políticas de austeridade na Europa e na América do Norte gerou mais desigualdade e perda de direitos, destruindo o principal pilar de redução das tensões entre capital e trabalho naqueles países destes continentes, que foram expoentes da social-democracia do pós Segunda Guerra . Nas décadas que se seguiram, portanto, imaginava-se ter encerrado definitivamente a vaga nazista e fascista no mundo. No entanto, a direita tem se reorganizado também nestes continentes, flertando com tais ideologias (Melo, 2017).

A reflexão crítica sobre sociedade capitalista, fundamentada no marxismo, recorrentemente tem chamado a atenção para seu potencial destrutivo e para o fracasso das diversas tentativas de controle e "domesticação" do capital, que foram incapazes de oferecer uma saída de longo prazo para os dramas que afligem a humanidade diante das crises cíclicas e cada vez mais profundas (Grespan, 2009).

A eclosão da pandemia de Covid-19 em janeiro de 2020 em Wuhan na China, intensificou as desigualdades internacionais, regionais e intra-nacionais e a economia mundial já em crise, não pôde ser minimizada pelos organismos internacionais com a intensificação das disparidades resultantes do longo processo de corrosão de direitos trabalhistas e sociais com a proliferação de imagens de trabalhadores dormindo nas ruas, com as cabeças protegidas pela mochila do aplicativo de entrega de refeições ou de trabalhadores dormindo dentro de lojas do McDonald's em Hong Kong, alternativa às casas-gaiola ou casas-caixão.

Muito além do planejamento estatal, da posição do país na divisão internacional capitalista ou das experiências acumuladas com epidemias anteriores, os dados de infectados e mortos pelo espalhamento do SARS-COV-2, mostra que nas relações cotidianas de produção e reprodução da vida, há sinais evidentes de uma governamentalidade neoliberal dos indivíduos que aguçou o individualismo suicida de "salve-se a si mesmo", ainda que socialmente este desejo seja improvável de realização.

Disputas do capital antes da pandemia, tornaram os números de mortos um elemento na batalha político-ideológica no globo. Com 1,4 bilhões de habitantes a China, registra no final do mês de agosto de 2.020 (8 meses após detectado o primeiro caso) um número próximo à 89.704 infectados e 4.711 mortos, enquanto os Estados Unidos seguem liderando o número mundial de infectados - 5.714.636 e mortos - 176.927.

O Brasil com Jair Bolsonaro (sem partido) destaca-se internacionalmente, pelas sucessivas posições negacionistas com a ausência de Ministro da Saúde há mais de três meses e intensa propaganda de medicação sem comprovação científica da comunidade internacional, mostrando-se alinhado à administração de Donald Trump.

A pandemia tornou mais evidente na América Latina e nos Estados Unidos - do que em outros lugares do mundo - que certas vidas valem mais do que outras, como discutiu o filósofo camaronês Achille Mbembe em seu "Necropolítica".

Nos Estados Unidos o assassinato de George Floyd, imobilizado e sufocado por um policial enquanto dizia que "não conseguia respirar" fez explodir a revolta da população negra estadunidense contra a repressão policial. Mas além disso também contra o aumento da miséria, a falta de condições de acesso à

saúde, pelo alto consumo de alimentos ultraprocessados e pouco acesso à alimentação saudável, o que levou a contaminação por Covid-19 a matar três vezes mais negros que brancos naquele país.

Na América Latina, uma leva de governos à esquerda ou "progressistas", se revezou na região no novo milênio e, entre políticas neodesenvolvimentistas e distributivistas, manteve inalterados elementos estruturais e históricos de dependência econômica da região, de classes, frações e grupos de domínio interno aos países, em pleno desenvolvimento do capital financeiro. Os arranjos eleitorais não tardaram a se romper, com o realinhamento da velha e da nova direita, produzindo golpes, como em Honduras, Paraguai e no Brasil e a eleição de governos conservadores, como no Chile em 2010, Argentina em 2015 e no Brasil em 2018.

A aposta da reprimarização das economias da região (ainda em curso), assentada no grande desenvolvimento chinês, não significou a construção de um caminho da busca de autonomia, já que isto significou privilegiar o agronegócio e na mineração em larguíssima escala, em detrimento da busca de fortalecimento e diversificação, incluindo perspectivas produtivas urbanas e rurais anticapitalistas. Tais formas de inserção na economia mundial, além de apontarem para um horizonte sombrio no mundo do trabalho, para os povos originários, consequências imprevisíveis sobre a natureza como mostra a tragédia de Mariana, com o rompimento da barragem da SAMARCO-Vale do Rio doce; o rompimento da barragem de rejeitos da Vale do Rio Doce, na cidade de Brumadinho, as grande queimadas no cerrado e na Amazônia, o genocídio aprofundado e continuado de indígenas, quilombolas e sociedades tradicionais e a grande novidade do século XXI, a pandemia de COVID-19.

Além disso, forças políticas à direita cresceram em toda a região, juntamente com o aprofundamento de práticas neoliberais implementadas por governos eleitos, atacando direitos, desmontando o Estado, promovendo desgaste da solidariedade de classe, num contexto de insegurança e medo em que há uma importante judicialização da política na América Latina, com o sistema jurídico claramente operando como defesa de primeira linha para o controle do Estado. Ao mesmo tempo, crescem grupos políticos com expressão em movimentos sociais e/ou no Estado que tem vieses militaristas, antifeministas, racistas, anticomunistas, homofóbicos e que aparecem à população como anti-sistema e anticorrupção. Esta combinação tem sido vista em países de diferentes formações sociais, em todos os continentes.

Numa conjuntura tão difícil, a revista Opsis, composta de artigos livres, apresenta diversos estudos e reflexões que direta ou indiretamente referem-se à temas de interesse que crescentemente são debatidos nestes tempos de isolamento social.

O artigo que inicia o número "Do novo desenvolvimentismo ao ultraliberalismo: a crise do governo Dilma – a saída pela direita" de Wanderson Fábio de Melo, discute a derrocada dos governos petistas com o golpe de Estado contra a presidenta Dilma Roussef a partir da crise da estratégia de conciliação de classes mantida pelo Partido dos Trabalhadores desde a Carta ao Povo Brasileiro", de 2002, em que a agremiação política abandonava a estratégia de ruptura com o imperialismo e abraçava o chamado "novo-desenvolvimentismo". Num contexto de superciclo das commodities, a ilusão da conciliação de classes se manteve e os governos petistas realizaram políticas focalizadas, algumas delas importantes para a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora, mas sem promover reformas estruturais que retirassem o país de sua condição de subordinação aos centros capitalistas promovendo, ao contrário, a primarização de suas exportações. Com o fim do ciclo e a desaceleração da economia chinesa, já sob o governo de Dilma Roussef, diversas tentativas de incentivo ao chamado "setor produtivo nacional" foram realizadas sem, contudo que a crise fosse superada, já que o "setor produtivo" também é atravessado pelo capital financeiro, preferindo aumentar seus lucros a realizar investimentos para desenvolver a estrutura industrial no país. Desde modo, a "burguesia produtiva" desembarca da estratégia neodesenvolvimentista, investindo no ultraliberalismo e no aprofundamento aos ataques aos direitos sociais, que culminam no golpe contra Dilma e na assunção de Michel Temer.

Com um estudo sobre o período anterior ao da ascensão do PT ao poder Rosana Soares Campos em "A Funcionalidade dos Governos Democráticos Brasileiros ao Ajuste Neoliberal" analisa o papel dos governos Fernando Collor de Melo, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso na implementação de políticas econômicas neoliberais nos anos 1990 no Brasil. Tomando democracia e neoliberalismo como categorias centrais em sua análise a autora apresenta e discute o comportamento funcional dos referidos governos democráticos, por meio de políticas de privatização, abertura de mercado, redução do papel do Estado na economia, entre outras, o que significou significativos impactos negativos para uma parcela importante da população brasileira, dentre os quais destacam-se O desemprego e a informalidade laboral.

O combate ao conservadorismo na educação no que se refere à violência contra as mulheres é tratado por Ana Carolina Eira Coelho Soares e Neide Célia no artigo "Estudos de gênero e cultura do estupro: debates contemporâneos para a formação docente", no qual as autoras apresentam reflexões

desenvolvidas a partir de uma oficina ministrada no Laboratório de História do curso de graduação em História na Universidade Federal de Goiás, em 2016, apontando para a importância de uma educação que trabalhe questões de gênero, violência e desigualdades sociais, em particular num contexto histórico marcado por retrocessos sociais.

Em "Nas trilhas de uma autobiografia política: uma análise das biografias de Pedro Ludovico Teixeira", Rildo Bento de Souza procura demonstrar que as construções narrativas centrais em torno da vida pública de Pedro Ludovico - tais como sua participação na "revolução" de 1930 e sua atuação como interventor do estado de Goiás são estabelecidas por ele próprio, em seus livro de Memórias, e são, grosso modo, reproduzidas pelos seus biógrafos José Mendonça Teles e Hélio Rocha.

A historiadora Marília Gago, autora do artigo "Opinião, ponto de vista e perspectiva - a construção da narrativa histórica e as questões de objetividade/verdade em História" debate a utilização destas expressões no interior de concepções idealistas da História, como o pós-modernismo e o "realismo crítico interno", chamando a atenção para a importância deste debate para a tomada de decisões conscientes e válidas no percurso histórico. Frisando que a história é naturalmente multiperspectivada, é no criticismo mútuo que pode surgir uma compreensão histórica intraperspectivada, mais sofisticada, múltipla e plural.

"Antropofagias periféricas: o movimento marginal, a crítica da tradição e os contra-usos da literatura" é o título do artigo de Lucas Amaral de Oliveira, que versa sobre o contraponto que o Movimento de Literatura Marginal desenvolve em relação às experiências culturais do passado, em particular ao modernismo paulista. Tara tanto, o autor recupera aspectos da Semana de Arte Moderna de 1922, situando suas demandas para, na sequência, ocupar-se da Semana de Arte Moderna da Periferia e do Manifesto da Antropofagia Periférica, de 2007, nos quais seus participantes elaboraram uma releitura da história cultural brasileira, ressignificando-a, denunciando seu caráter elitista ao mesmo tempo em que apropriaram-se de sua potência antropofágica, em que ganha força o caráter político e ético da produção estética.

A participação organizada dos evangélicos na política brasileira é debatida por Ailton Laurentino Caris Fagundes e Bruna Caroline Machado Gomes em "O Poder da bíblia: crenças e organização das igrejas evangélicas na política brasileira", em que os autores demonstram que as crenças justificam e legitimam a participação desses grupos no jogo eleitoral, além do pragmatismo político com que atuam as igrejas permitir que as mesmas ajam como partidos.

O texto de Carmem Lúcia Costa, intitulado "A captura das subjetividades como estratégia nas relações de poder na sociedade capitalista", faz um amplo debate em diversas correntes teóricas sobre o poder no capitalismo indo além das relações econômicas na intenção de mostrar a profundidade e o enredamento dos sujeitos subjugados.

Fechando o número, a resenha de Lucas André Berno Kölln sobre o livro Imigrar, verbo intransitivo. O que a História pode esperar da literatura sobre o tema da imigração.

Acreditamos que a Universidade é um lugar de lutas sociais e ideológicas, e nesse sentido, num momento em que a ciência é questionada, os direitos conquistados são atacados e a academia é desacreditada por vários setores da sociedade, a revista Opsis espera contribuir para o debate com artigos que colaborem com o pensamento crítico e enriquecimento teórico.

ARANTES, Paulo. **O Novo Tempo do Mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014.

GRESPAN, Jorge. A crise de sobre a cumulação. **Crítica Marxista** (São Paulo), v.29, 2009 p.11-17.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**, v. 32, 2016, p. 123-151.

MELO, D. B. As reflexões de Gramsci sobre o fascismo e o estudo da direita contemporânea: notas de pesquisa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 2017, Niterói, RJ. Anais [...]. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2017. Disponível em: https://bit.ly/3eoIqQW. Acesso em: 2 maio 2020.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 1.ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

Débora Cristina Goulart
Patrícia Sposito Mechi